
**HISTÓRIA DA RELIGIÃO: ORIGEM E PRECURSORES DOS MOVIMENTOS
PENTECOSTAIS ATRAVÉS DOS SÉCULOS E DOS CONTINENTES**

**HISTORY OF RELIGION: ORIGIN AND PRECURSORS OF PENTECOSTAL
MOVEMENTS THROUGH CENTURIES AND CONTINENTS**

**HISTORIA DE LA RELIGIÓN: ORÍGENES Y PRECURSORES DE LOS MOVIMIENTOS
PENTECOSTALES A TRAVÉS DE SIGLOS Y CONTINENTES**

Eunice de Oliveira Rios¹ <https://orcid.org/0000-0002-5915-9222>

Fabrizia Gioppo Nunes² <https://orcid.org/0000-0001-6159-4701>

¹ Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialização em Antropologia e em Arqueologia pela UFG e Especialização em Ensino de Geociências pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestrado em História pela UFG. Doutoranda em Geografia, pela UFG. Atualmente é professora titular da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no curso de Geografia (Campus Anápolis de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas. E-mail: eunicer@uol.com.br

² Bacharelado e licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Mestrado e Doutorado em Geologia Ambiental pela Universidade Federal do Paraná, com doutorado sanduíche no Centro de Geotecnologia da Universidade de Siena. Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail:

RESUMO

Este artigo trata do contexto histórico em que aconteceu o processo de implantação e expansão dos Movimentos Pentecostais, anteriores e posteriores à Reforma Protestante. Assim, o objetivo principal deste estudo foi o de compreender como os diferentes segmentos religiosos se dispersaram através dos séculos e dos continentes. Para isto, focalizamos um olhar sobre as suas bases teológicas e respectivos missionários, a fim de reconstruir um retrato da sua trajetória através dos séculos e dos continentes. Por intermédio de uma revisão bibliográfica e de documentos históricos foi possível compreender não apenas o contexto histórico, mas também as matrizes ideológicas, suas vertentes e seus principais personagens, representados na figura de alguns de seus discípulos e seguidores. Ademais, foi possível identificar também a dinâmica de suas transformações e seus princípios doutrinários, em suas perspectivas teológicas e eclesiológicas. Desta forma, pode-se concluir que a vitalidade das genituras dogmáticas dos segmentos pentecostais, se alojaram na estrutura de alguns grupos sociais. Estes, os acolheram e lhe deram características específicas, ao longo dos séculos e continentes, e que ainda continua atraindo milhões de pessoas em várias partes do mundo.

Palavras-chave: Religião. História. Dispersão Global.



ABSTRACT

This article deals with the historical context in which the process of implantation and expansion of the Pentecostal Movements, before and after the Protestant Reformation, took place. Thus, the main objective of this study was to understand how different religious segments dispersed across centuries and continents. For this, we focus a look at its theological bases and respective missionaries, in order to reconstruct a picture of its trajectory through the centuries and continents. Through a bibliographical review and historical documents, it was possible to understand not only the historical context, but also the ideological matrices, its strands and its main characters, represented in the figure of some of its disciples and followers. Furthermore, it was also possible to identify the dynamics of its transformations and its doctrinal principles, in their theological and ecclesiological perspectives. Thus, it can be concluded that the vitality of the dogmatic genitures of the Pentecostal segments were lodged in the structure of some social groups. These, welcomed them and gave it specific characteristics, over centuries and continents, and which still continues to attract millions of people in various parts of the world.

Keywords: Religion. History. Global Dispersion.

RESUMEN

Este artículo trata sobre el contexto histórico en el que tuvo lugar el proceso de implantación y expansión de los Movimientos Pentecostales, antes y después de la Reforma Protestante. Por lo tanto, el principal objetivo de este estudio fue comprender cómo los diferentes segmentos religiosos se dispersaron a lo largo de siglos y continentes. Para ello, enfocamos una mirada a sus bases teológicas y respectivos misioneros, con el fin de reconstruir un cuadro de su trayectoria a través de los siglos y continentes. A través de una revisión bibliográfica y documentos históricos, se logró comprender no solo el contexto histórico, sino también las matrices ideológicas, sus vertientes y sus protagonistas, representados en la figura de algunos de sus discípulos y seguidores. Además, también fue posible identificar la dinámica de sus transformaciones y sus principios doctrinales, en sus perspectivas teológica y eclesiológica. Así, se puede concluir que la vitalidad de las genituras dogmáticas de los segmentos pentecostales se alojó en la estructura de algunos grupos sociales. Estos, los acogieron y le dieron características específicas, a lo largo de siglos y continentes, y que aún sigue atrayendo a millones de personas en diversas partes del mundo.

Palabras clave: Religión. Historia. Dispersión global.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, o entendimento dos movimentos pentecostais inicia-se com uma afirmação, “não existem povos, por mais antigo que sejam, sem religião nem magia” (RODRIGUES, 2013, p. 13). Desta assertiva apreende-se então, que a religião é parte integrante da vivência humana, independentemente do tempo e do espaço em que esteja inserida.

O Pentecostalismo é resultante de uma série de movimentos religiosos e cristãos, considerados por alguns autores como um ramo do protestantismo. Sua história é marcada por diversas transformações. Dentre estas, destaca-se a da Reforma Protestante ocorrida a partir da

publicação das 95 teses contra alguns aspectos doutrinários da Igreja Católica, de autoria do monge e teólogo Martinho Lutero (1483-1546), dando origem a um novo movimento religioso, o Protestantismo.

Lutero, tinha por princípios teológicos: a “justificação pela fé, através da graça (*Sola Gratia*); a Escritura Sagrada como única autoridade doutrinária (*Sola Scriptura*), que deveria ser interpretada individualmente (livre exame) e; que a salvação é obtida pela fé individual em Cristo” (RODRIGUES e GUERREIRO, 2015, p. 112). Em suas perspectivas teológicas e eclesiológicas, este movimento, denominado de protestantismo tradicional é formado pelas igrejas Luterana, Presbiteriana, Metodista, Congregacional e Batista (RODRIGUES e GUERREIRO, 2015).

Os fundamentos teológicos do Pentecostalismo são também semelhantes aos da Reforma Protestante, acrescidos de princípios oriundos da experiência dos discípulos de Jesus e seus seguidores, registrada no livro de *Atos dos Apóstolos*. Tem por fundamento o Espírito Santo (terceira pessoa da Santíssima Trindade) e os carismas ou dons, entendidos como uma “graça divina recebida a fim de ajudar as pessoas a se unir com Deus”¹, o “dom da graça”² ou “um poder humano excepcional que vem de Deus” (RODRIGUES, 2013, p. 61). Assim, os carismas ou dons são reconhecidos através de fenômenos como “línguas estranhas”, “outras línguas” ou “dom de línguas”, bem como outras manifestações como “profecias, interpretação de línguas, discernimento de espíritos, operação de milagres, sabedoria, ciência” (CAMPOS JR., 1995, p. 70-71).

Seus difusores, de natureza cristã, relacionam o Pentecostes com a descida do Espírito Santo sobre os discípulos e os seguidores de Jesus. Fato que deu origem ao nome Pentecostalismo, sem, no entanto, ter ligação com as festas judaicas. Entretanto, o termo Pentecostalismo se refere ao episódio do Pentecoste, localizado no Livro dos *Atos dos Apóstolos*, quinto livro do Novo Testamento.

Enquanto os apóstolos estavam reunidos em Jerusalém, eles recebiam os Espírito Santo na forma de língua de fogo e começavam a falar em outras línguas. Este relato bíblico é apresentado como um compêndio da teologia pentecostal, particularmente na ênfase colocada nos dons do Espírito, «milagres, maravilhas e sinais» (DEJEAN, 2011, p. 88-89, tradução nossa).

Essa glossolalia, presente nas manifestações pentecostais, é definida como a capacidade de se falar em outros idiomas, em momentos de oração, “*Aptitude soudaine à parler à ce qui s’apparente à différentes langues em priant*” conforme Fath, (2005: 370), citado por Dejean

¹ Tomás de Aquino, *Summa Teológica* (1267-1273), citado por Rodrigues (2013, p. 61).

² Rudolf Otto (1970), citado por Rodrigues (2013, p. 61).

(2011, p. 366). Para o referido autor este fenômeno é descrito como uma consequência do batismo no Espírito Santo, ou seja, “*dans certains milieux pentecôtistes et charismatiques, la glossolalie est considérée comme la conséquence du baptême dans l’Esprit Saint*” (DEJEAN, 2011, p. 366).

De acordo com Ricci (2007, p. 55) “a glossolalia encarna um fenômeno catalisador de uma complexidade de relações simbólicas, portanto culturais”, percebida no Pentecostalismo como uma forma de “oração extática reconhecida pelas Igrejas Pentecostais como o dom de línguas” (RICCI, 2007, p. 55).

Desde as suas origens na cidade de Jerusalém (33 a.D.), os movimentos pentecostais, em suas diferentes formas, se alastraram por diversas partes do mundo, tanto no Ocidente, como no Oriente. Seu vasto crescimento e impactos causados nas igrejas e na sociedade, justifica um reexame de sua história e características. Desta forma, este artigo trata do contexto histórico em que se deu o processo de implantação e expansão do Pentecostalismo, anterior e posterior à Reforma Protestante. O objetivo é compreender como seus seguimentos religiosos se dispersaram através dos séculos e dos continentes. Para isto, focalizaremos um olhar sobre as suas principais bases teológicas e respectivos missionários.

A PENTECOSTALIDADE NO CRISTIANISMO

Os primeiros registros sobre a história da Igreja Primitiva e do Espírito Santo encontram-se em *Atos dos Apóstolos*, quinto livro do Novo Testamento (Bíblia Sagrada). Sobre a autoria do *Atos* existem opiniões controversas. Para alguns historiadores, Lucas, provavelmente, era um gentio convertido através dos primeiros discípulos de Jesus. Era um homem culto, médico, versado em história e escrita. Reza a tradição de que Lucas é também o autor de um dos quatro evangelhos.

No artigo intitulado «O evangelho de Lucas: introdução teológica na perspectiva da missão», Artuso (2013) trata em detalhes, sobre a referida obra. Porém, Rabuske (2012) discorda sobre a sua verdadeira autoria, desenvolvendo estudos analíticos sobre quem de fato deve ter escrito o «*Atos dos Apóstolos*». Outros autores que comungam essa mesma indagação são Ehrman (2013) e Silva (2007).

A classificação de *Atos dos Apóstolos*, na estrutura da Bíblia, é a de um livro histórico. Sua autoria é questionada, discutida, resultando em várias controvérsias. Ou seja, quem de fato foi que escreveu essa obra? Essa dúvida ainda permanece, no entanto, o que se pode concluir da análise do texto é que o autor era um historiador de época.

Outro autor que merece destaque é Cairns (2008). Em sua obra «O Cristianismo através dos séculos: Uma História da Igreja Cristã», Cairns divide a história do Cristianismo em três períodos (a) História da Igreja Antiga (5 a.C. - 590 d.C.); (b) História da Igreja Medieval (590 -1517) e, (c) História da Igreja Moderna (1517 à depois). Porém, ao discorrer sobre a história da Igreja Cristã, Hurlbut (1979) já assinala a princípio, seis períodos gerais de formação, que neste texto foram organizados e descritos no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Períodos Gerais de Formação da Igreja Cristã

Igreja Cristã	Período
Igreja apostólica	Ascensão de Cristo, 30 a.D. até à Morte de João, 100 a.D.
Igreja perseguida	Morte de João, 100 a.D. até o Edito de Constantino, 313 a.D.
Igreja imperial	Edito de Constantino, 313 a.D. até à Queda de Roma, 476 a.D.
Igreja medieval	Queda de Roma, 476 a.D. até à Queda de Constantinopla, 1453 a.D.
Igreja reformada	Queda de Constantinopla, 1453 a.D. até ao fim da Guerra dos Trinta Anos 1648 a.D.
Igreja moderna	Fim da Guerra dos Trinta anos, 1648 a.D. até o séc. XX, 1970 a.D.

* a. D. representa *anno Domini*, que é "ano do Senhor" em latim (equivalente a "d.C"., "Depois de Cristo").

Fonte: Concebido a partir das leituras de Hurlbut (1979).

Em seu estudo sobre a temática pentecostal Moreno Filho (2009) reorganizou os períodos da história do Cristianismo, com enfoque nos «movimentos entusiastas» e seguindo a categorização da história do Cristianismo já nomeada por Cairns (2008) em: (a) **História Antiga** - principia-se em 30 a.D, tem como marco o “momento em que o Senhor Jesus Cristo inicia seu ministério público” e término “após a queda de Roma” em 590 a.D, que coincide com o pontificado de Gregório Magno; (b) **História Medieval** - instaura-se em 590 a.D e termina em 1517, momento da “afixação das noventa e cinco teses de Lutero na Catedral de Wittenber” e; (c) **História Moderna** – com início em 1517 e término em 1800 (MORENO FILHO, 2009, p. 13).

Apesar das diferentes posturas diante do processo da origem e da expansão do Cristianismo, os movimentos pentecostais ou movimentos carismáticos, estiveram presentes em todos as épocas, em vários lugares e entre povos e culturas diversas. Hyatt (2018, p. 17) afirma que

O cristianismo carismático não é um fenômeno que pertence unicamente ao século XX. Ele tem sido uma constante desde que Jesus caminhou pela terra, há 2 mil anos. Contudo, no século XX e continuando pelo XXI, houve uma tremenda explosão do cristianismo carismático. Começando com o Movimento Pentecostal em 1901 e revigorado pelo Movimento Carismático iniciado em 1960, com sua Terceira Onda em 1980, essa explosão do Movimento ganhou impulso e permeou todos os setores da vida cristã.

Na “Cronologia do Pentecostalismo Mundial”, verbete do Dicionário do Movimento Pentecostal estão relacionados diversos eventos ocorridos desde o séc. 1 d.C. até o séc. XX, a nível mundial (ARAÚJO, 2015, p. 231-243).

No presente artigo serão discutidos apenas os eventos que possuem obras publicadas sobre eles e que foi possível ter acesso.

A seguir, buscar-se-á discorrer, de forma sumarizada, sobre os contextos históricos em que se discutem o Espírito Santo e os carismas, objetivando compreender como os movimentos pentecostais se deram através dos séculos.

PRÉ-PENTECOSTALISMO: PRECURSORES DO PENTECOSTALISMO MODERNO

O período da Igreja Primitiva está inserido entre a ascensão de Cristo (30 d.C.) até à pregação de Estêvão (35 d.C.) e, foi nesse contexto que se presenciou a primeira manifestação do movimento pentecostal, em Jerusalém, quando os discípulos de Jesus se encontravam reunidos, conforme as orientações recebidas, anteriormente, do próprio Jesus, no Monte das Oliveiras e também descritas no livro de *Atos dos Apóstolos* (1.12).

Jerusalém, na época da reunião dos seguidores de Jesus, estava tomada por peregrinos, judeus e prosélitos de várias partes do mundo. Eles encontravam-se ali para as comemorações dos Pentecostes, uma celebração histórica e simbolicamente ligada ao festival judaico da colheita. Sua realização se dá cinquenta dias após a Páscoa Judaica (celebração da libertação do cativo egípcio).

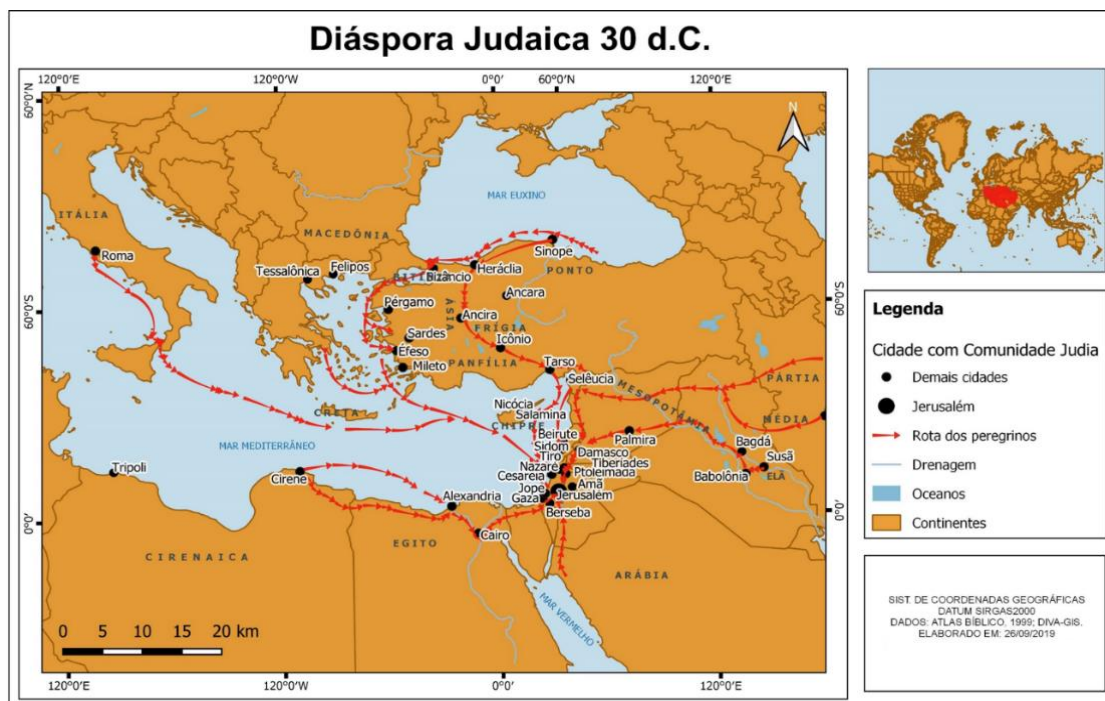
A Festa de Pentecostes é também conhecida como: *Festa da Colheita* ou *Sega*, *Festa das Semanas* e *Dia das Primícias dos Frutos*. Os peregrinos, segundo o escritor do livro *Atos dos Apóstolos*, eram oriundos de diversas partes do mundo. Assim, Jerusalém era o centro de peregrinação dos judeus da diáspora.

Todos os anos, em um dos períodos das festas de Pentecostes, membros das comunidades judaicas, distantes de Israel, visitavam o Templo de Salomão, em cumprimento ao dever de «subir a montanha do Senhor». Nesses períodos Jerusalém se tornava cosmopolita, “peregrinos do Ocidente e do Oriente circulavam nas ruas, falando em uma grande variedade de línguas (AHARONI *et al.*, 1999). Para o referido autor:

A diáspora judaica estava ligada a Jerusalém por fortes laços religiosos. Enquanto o templo permaneceu em pé, milhares de peregrinos viam todos os anos de comunidades distantes para cumprir o dever de subir a montanha do Senhor, em uma das três festas principais. Jerusalém assumia às vezes um ar estranhamente cosmopolita, pessoas do Ocidente e do Oriente acotovelando-se nas ruas, falando uma grande variedade de línguas (...) e ficaram espantados quando eles falavam em suas línguas maternas (AHARONI *et al.*, 1999, p. 180, grifo nosso).

A dinâmica dos peregrinos, em direção ao centro da fé, encontra-se representada no mapa da figura 01. A referida figura demonstra as localidades de origem dos judeus e a sua trajetória até Jerusalém, ou seja, a rota das peregrinações da diáspora Judaica.

Figura 01: Diáspora Judaica (30 d.C.)



Fonte: Reelaborado pelos autores (2019). Adaptado de AHARONI *et al.* (1999).

A comunidade cristã primitiva ficou conhecida como “Igreja Apostólica”, por ser constituída por apóstolos e, também, como “Igreja Pentecostal”, em referência à sua origem durante as festas judaicas denominadas Pentecostes, no final da primavera do ano 30 d.C (HURLBUT, 1979, p. 20). A origem da Igreja ocorreu na cidade de Jerusalém que, entre os anos 30-44 d.C, manteve uma posição de liderança na comunidade cristã primitiva (CAIRNS, 2008). Nos primeiros anos as suas atividades se estendiam aos limites de Jerusalém e aos seus arredores. Sabe-se que em Israel, nesse período:

Especialmente, na província setentrional da Galileia, havia grupos de pessoas que criam em Jesus como o Rei-Messias, porém não chegaram até nós dados

ou informações de nenhuma natureza que indiquem a organização, nem o reconhecimento de tais grupos como igreja. As sedes gerais da igreja daquela época eram o Cenáculo, no Monte de Sião, e o Pórtico de Salomão (HURLBUT, 1979, p. 22).

A Igreja Primitiva era quase toda composta por pessoas de origem judaica. Os judeus dessa época dividiam-se em três classes, sendo que todas elas estavam representadas na comunidade cristã. Eram os povos hebreus, os judeus gregos ou helenistas e os prosélitos. Assim, de acordo com Hurlbut (1979), suas progênes eram:

- Os **hebreus**: que descendiam de judeus que habitavam a Palestina há várias gerações, eles se consideram a «verdadeira raça israelita». Seu idioma era conhecido como a «língua hebraica», que ao longo dos séculos, havia mudado de hebraico clássico do Antigo Testamento para o dialeto aramaico ou siro-caldaico;
- Os **judeus gregos ou helenistas**: que descendiam dos judeus da dispersão, ou seja, judeus que moravam em outras terras ou os seus antepassados eram de terras estrangeiras. Eram tidos «como povo, fora da Palestina». Muitos desses judeus haviam se estabelecido em Jerusalém ou na Judéia, criando sinagogas e assistindo às suas várias nacionalidades. Se constituíam no ramo judaico «mais rico e mais liberal» da época;
- Os **prosélitos**³: não descendiam de judeus, eram pessoas que haviam renunciado ao paganismo. Aceitaram a lei judaica, e passaram pelo «rito da circuncisão», tornando-se um membro da igreja judaica. Se constituíam na minoria entre os judeus do Império Romano e “gozavam de todos os privilégios do povo judeu” (HURLBUT, 1979, p. 22-24).

Nesse cenário a igreja primitiva cresceu em número de seguidores, como também se avolumaram alguns problemas nas comunidades. Dentre estes, destaca-se o que diz respeito a assistência às viúvas. “Naqueles dias, crescendo o número de discípulos, os judeus de fala grega, entre eles, queixaram-se dos judeus de fala hebraica, porque suas viúvas estavam sendo esquecidas na distribuição diária de alimento” (Atos 6.1). Ao se analisar a atuação da Igreja Pentecostal percebe-se que ela era:

³ Os prosélitos não devem ser confundidos com os "devotos" ou "tementes a Deus", gentios, que não adoravam os ídolos e frequentavam as sinagogas. Estes não “participavam dos rituais de circuncisão, nem se propunham observar as minuciosas exigências das leis judaicas”, por isso não eram considerados judeus, apesar de nutrirem amizade com os judeus (HURLBUT, 1979, p. 23-24).

Uma comunidade quase perfeita à época, era poderosa na fé e no testemunho, pura em seu caráter, e abundante no amor, mas havia uma falha, a ausência do zelo missionário. Se acomodou em seu território, quando devia ter saído para outras terras e outros povos (HURLBUT, 1979, p. 28).

Porém, com o estabelecimento das perseguições aos judeus cristãos (helenistas) a partir da condenação de Estevão, muitos se dispersaram e passaram a evangelizar outros povos em outras regiões. As perseguições aos cristãos, a princípio, eram eclesiásticas e políticas, sendo os judeus não cristãos seus perseguidores. A partir do “governo de Nero (54-68 d. C) as perseguições partiram do Estado Romano, com ocorrências locais e esporádicas até 250 d. C, quando se tornaram gerais e violentas” (CAIRNS, 2008, p. 73).

Devido as intolerâncias religiosas e as diversas perseguições, o fenômeno pentecostal estendeu-se para outros lugares, levado pelos cristãos primitivos, dispersos de Jerusalém. Esse fato marcou o início da expansão do movimento dos carismas do Espírito, também conhecidos como os «sinais» (Marcos 16.14-20). Nesse contexto, período conhecido como «Era Apostólica» (33 a 100 d.C.) as manifestações carismáticas se multiplicaram e se expandiram pelo mundo antigo.

De acordo com Oliveira (2018), o livro de *Atos dos Apóstolos* registra algumas das principais ocorrências que deram início a história do movimento pentecostal, suas localidades de origens e divulgadores no antigo território da Palestina. Essas informações estão detalhadas no Quadro 2 a seguir.

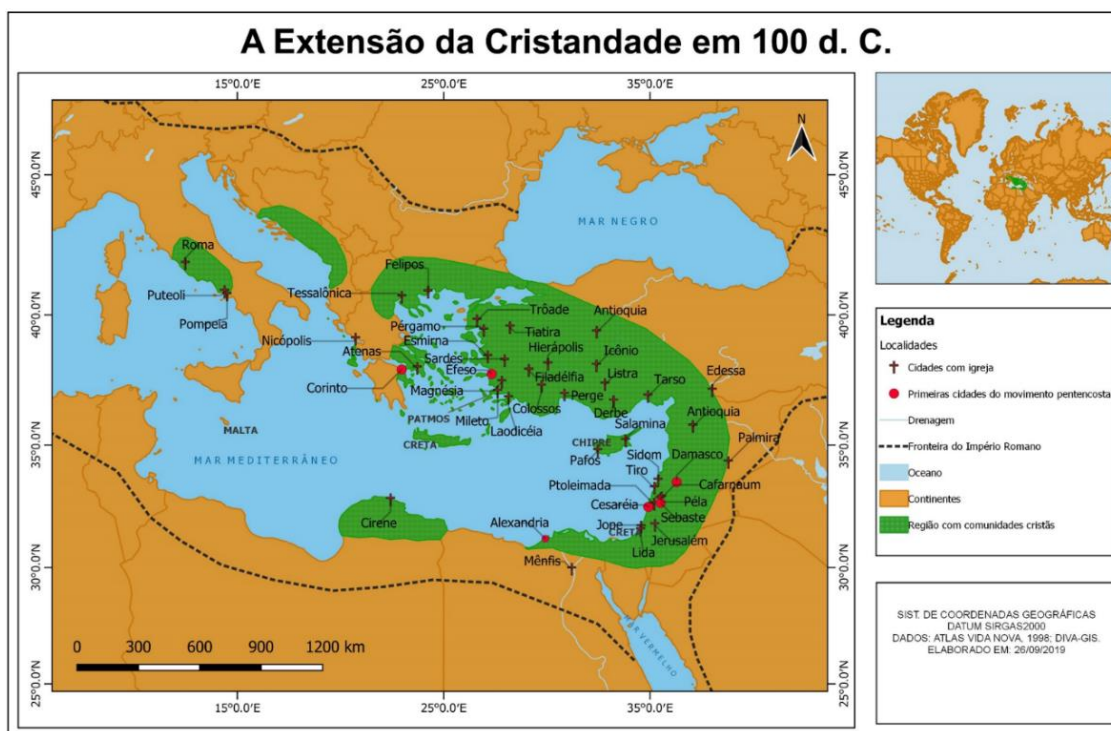
Quadro 2: Expansão do movimento Pentecostal na Era Apostólica (33 a 100 d.C.)

Cidades	Divulgadores	Referência - Livro Atos	Observações
Samaria	Felipe, Pedro e João	Atos 8.14, 15 e 17	Pentecostais Judeus
Cesaréia	Pedro	Atos 10.44-46	Pentecostais gentios
Damasco	Ananias	Atos 9.17	Conversão de Saulo de Tarso
Éfeso	Paulo	Atos 19.1-6	Discípulos de João Batista
Corinto	Paulo	I Coríntios 14.26	Anos 52-56 d.C.

Fonte: Concebido a partir das leituras de OLIVEIRA (2018).

Para uma melhor visão da difusão do movimento Pentecostal na «Era Apostólica», a expansão da igreja primitiva ao longo do século I (33 a 100 d.C.), encontra-se representada no mapa da figura 2. Em destaque estão as localidades referidas no livro de *Atos dos Apóstolos*: Samaria, Cesaréia, Damasco, Éfeso e Corinto, primeiras cidades alcançadas pelo movimento pentecostal.

Figura 02: Expansão do Cristianismo na Era Apostólica - séc. I (33 a 100 d.C.)



Fonte: Reelaborado pelos autores (2019). Adaptado de AHARONI *et al.* (1999).

A Igreja Apostólica ou Igreja Pentecostal, além de divulgar o Cristianismo, promoveu grandes mudanças sociais em certas regiões. Tal fato ocorreu porque a igreja de Jerusalém apregou a «igualdade espiritual dos sexos» e a valorização da mulher na igreja. Dorcas é um exemplo, de seguidora de Jesus que se dedicava às obras de caridade (Atos, 9.36).

Dorcas ou Tabita, que em aramaico significa *gazela*, era uma mulher cristã, moradora da cidade de Jope (atual Jafa, ao sul de Tel Aviv) e conhecida como discípula de Jesus. Era viúva, costureira e se dedicava a ajudar as pessoas de sua comunidade, principalmente as outras viúvas, que na cultura judaica eram quase desprezadas. Com sua morte seus amigos buscaram o apóstolo Pedro, cuja oração resultou na ressurreição de Dorcas (At 9.36-42). Este fato é digno de nota por “ter sido a primeira ressurreição realizada por um apóstolo” (PFEIFER *et al.*, 2007, p. 584).

As manifestações carismáticas foram registradas por pessoas influentes da época, tais como:

- **Irineu (130-200 d.C.)**, bispo de Lyon, na Gália e discípulo de Policarpo. Irineu declarou que no seu tempo, muitos cristãos falavam línguas estranhas pelo Espírito e tinham dons, inclusive o de profecia;

- **Justino Mártir (100-165dC)**: nasceu na Palestina, converteu-se em Éfeso e morreu em Roma. Em seus escritos, deixou registrado que os dons espirituais estavam em evidência nos seus dias, entre eles o dom de línguas estranhas;
- **Orígenes (185-254dC)**: teólogo, afirmou que os dons espirituais, entre eles o de línguas, existiam em seu tempo;
- **Crisóstomo (347-407dC)**: patriarca⁴ de Constantinopla, relatou que três membros da sua igreja falaram pelo Espírito Santo em persa, latim e hindu e;
- **Agostinho (354-430dC)**: bispo de Hipona, Norte da África. Deu testemunho de que as línguas estranhas eram ouvidas (GILBERTO, 2007).

Já no século II os movimentos espirituais ocorreram de forma difusa e com menor intensidade. A secularização da «igreja dominante» e as influências dos povos pagãos contribuíram para que a prática dos dons do Espírito fosse lentamente esquecida.

Entretanto, Montano natural de Arbadau na antiga Frígia (Ásia Menor), liderou um movimento reformador chamado Montanismo (década de 150 d.C.) ou também denominado de «nova profecia» que se opunha ao mundanismo e à decadência da Igreja, que para Montano era expressa pelas inovações introduzidas na Igreja Cristã, pelos gnósticos e pagãos. Este movimento expandiu-se pela Ásia Menor, Norte da África e se estendeu até Roma (OLIVEIRA, 2018). Montano apregoava a «recarismatização da cristandade», para ele os cristãos:

Haviam abandonado certos carismas, por exemplo: «falar em línguas», «receber revelações divinas» ou esperar pelo poder da divindade «sinais», «curas» e «maravilhas». As consequências da pregação de Montano foram intensas e fortes, pois séculos depois ainda existiam comunidades cristãs com um perfil semelhante ao de Igrejas Pentecostais Modernas (CAMPOS, 2005, p. 103).

Consequentemente, a liderança da igreja dominante sentiu-se ameaçada pela autodenominada «nova profecia» e os montanistas acabaram sendo excomungados. Alguns grupos sobreviveram até o século quinto no norte da África e por mais tempo na Frígia (MATOS, 2003).

Para Moreno Filho (2009) a oposição da igreja ortodoxa ao movimento montanista, fundamentava-se em duas razões: a) o Montanismo enfraquecia a estrutura emergente da igreja, que muitos religiosos consideravam necessária para se opor às várias heresias e; b)

⁴ No sentido eclesiástico oriental, o termo “patriarca” designa um bispo investido de prerrogativas e precedências especiais.

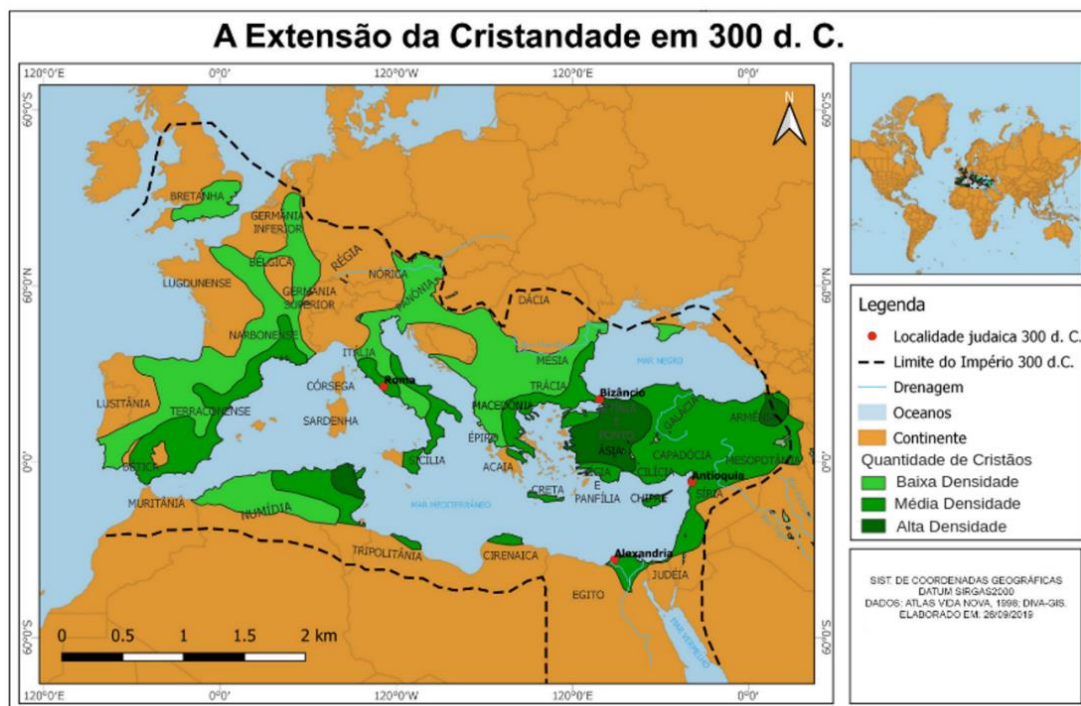
teologicamente, o fato de os montanistas declararem ter recebido uma nova revelação, colocava em risco o dogma de fé dos cristãos segundo o qual a revelação dada por Cristo era cabal (MORENO FILHO, 2009).

Antes de 250 d.C. as perseguições eram predominantemente locais e esporádicas. Eram, geralmente, mais um produto da ação popular do que resultado de uma política definida. Após esta data: “as perseguições se tornaram, às vezes, uma estratégia consciente do governo imperial romano e, por isso, amplas e violentas” (CAIRNS, 2008, p. 70). Foi neste tempo, a apologia de Tertuliano «de que o sangue dos mártires é a semente da Igreja», se transformando em uma terrível realidade para muitos cristãos.

Mesmo não sendo reconhecidos em sua época, as doutrinas do Montanismo sobreviveram, sendo assimiladas a partir do século IV, por novos movimentos reformadores (OLIVEIRA, 2018). Desta forma, observa-se que, apesar de sofrerem perseguições e condenações, os defensores da fé pentecostal cristã deixaram um legado à humanidade, uma crença que sobreviveu e se expandiu pelo Mundo Antigo.

A Igreja dos Apóstolos continuou a sua marcha no século II, de forma variada quanto a extensão da cristandade, divulgando suas convicções, ocupando novos territórios, expandindo suas crenças (figura 3).

Figura 03: Expansão do Cristianismo no séc. II



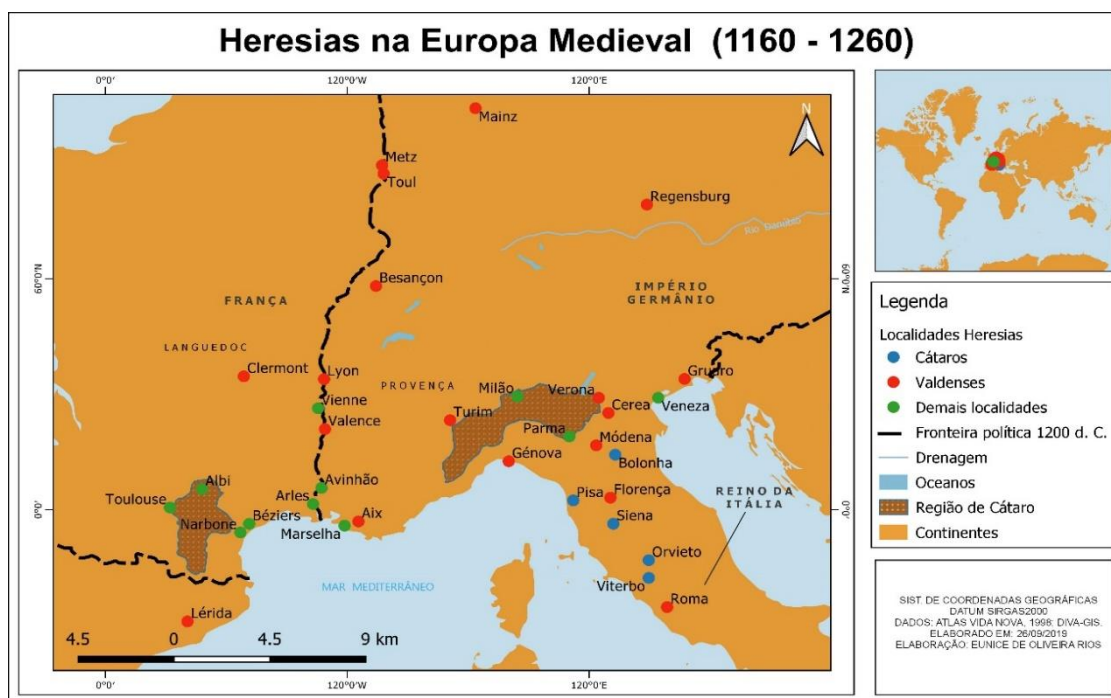
Fonte: Reelaborado pelos autores (2019). Adaptado de AHARONI *et al.* (1999).

MOVIMENTOS PENTECOSTAIS ANTERIORES À REFORMA

Na obra *História da Igreja Cristã*, (1979, p. 164) esclarece que antes da Reforma Luterana, existiram cinco grandes movimentos reformistas da igreja cristã. Porém, “o mundo da época não estava preparado para recebê-los, de modo que foram reprimidos com sangrentas perseguições”. De acordo com o referido autor, estes movimentos caracterizados pelos seus membros, personagens e seguidores foram: os Cátaros ou Albigenses, Valdenses, João Wyclif, Morávios e Jerônimo Savonarola, pormenorizados como:

- **Cátaros ou Albigenses:** foi um movimento dissidente que ocorreu no sul da França despertando forte oposição da Igreja Católica. A denominação “cátaros”, do grego, significa «puros» e albigenses, por serem da cidade de Albi. Os cátaros (*cathari*) ou albigenses, ou ainda, «puritanos», se sobressaíram no sul da França por volta de 1170. Suas posições eram de rejeição à autoridade da tradição. Distribuam o Novo Testamento e opunham-se às doutrinas da Igreja Romana como: a do purgatório, a adoração de imagens e recusa ao Antigo Testamento. No ano de 1208, uma cruzada foi mobilizada pelo Papa Inocêncio III, resultando na dissolução da referida seita. Na ocasião, “ocorreu o massacre de quase toda a população da região, tanto a católica como a herege” (HURLBUT, 1979, p. 164).
- **Valdenses:** consistia em um movimento reformista liderado por Pedro Valdo ou Valdes, comerciante de Lyon, França. Valdo além de ler e explicar as Escrituras, para os seus seguidores, ele também as distribuía. Atitude, a qual contrariava os costumes e as doutrinas dos católicos romanos. Dentre as principais práticas valdensianas destacavam-se: o estilo de vida comunitário, ensinamento das Escrituras no vernáculo (enfatizando o Sermão do Monte), incentivo a pregação de leigos e de mulheres e, a negação ao purgatório. Condenados pelo Concílio de Verona (1184), os valdenses foram expulsos da Igreja Católica e perseguidos por séculos. Posteriormente alinharam-se à Reforma Protestante. “Apesar das diversas perseguições, eles permaneceram firmes, e atualmente constituem uma parte do pequeno grupo de protestantes na Itália” (HURLBUT, 1979, p. 165).

Figura 4: Heresias na Europa Medieval (1160-1260)



Fonte: Reelaborado pelos autores (2019). Adaptado de AHARONI *et al.* (1999).

A distribuição dos movimentos Cátaros e Valdenses pela Europa, ou seja, dos hereges na Europa Medieval aos «olhos» da Igreja Católica Romana de época, pode ser visualizada no mapa da figura 4. De Albi, Toulouse e Narbone (cidades ao sul da França) os cátaros disseminaram para o norte da Itália (Milão e Parma), atingindo posteriormente outras cidades das regiões da Emilia-Romagna (Bolonha), Toscana (Pisa e Siena) e da região da Úmbria (Orvieto e Viterbo). Já os valdenses originários de Lyon e Bourg-lès-Valence (parte central do leste da França) refugiaram-se, principalmente, nos vales alpinos do norte da Itália, na região denominada Piemonte, em Turim. Posteriormente atingiram as cidades de Génova, Florença e Roma (figura 4).

- **João Wyclif** (1324-1384): foi responsável por um movimento na Inglaterra, que pregava a libertação ao domínio do poder romano e da reforma da igreja. Sua educação se deu na Universidade de Oxford, era doutor em teologia e chefe dos conselhos que dirigiam a universidade. Seus seguidores, eram numerosos e acunhados por *lolardos*. Defendiam a Bíblia como norma de fé e que deveria ser lida e interpretada. No reinado de Henrique IV e Henrique V foram perseguidos e, exterminados. Entretanto, as ideias de Wyclif “influenciaram outros reformadores em várias partes da Europa e, posteriormente, foram trazidas para a América pelos imigrantes europeus” (HURLBUT, 1979, p. 165-166).

- **Morávios:** movimento que aconteceu na Boêmia (Tchecoslováquia) disseminado pelo acadêmico João Huss (1369-1415), que estudou na Universidade de Oxford. Huss, foi um dos leitores dos trabalhos de Wyclif. Após esse conhecimento passou a pregar as mesmas doutrinas e a necessidade de libertação da autoridade papal. Para ele a Igreja não deveria ser definida pelos sacramentos, mas sim “por uma vida semelhante à de Cristo” (MATOS, 2004). Devido às suas convicções, Huss acabou sendo excomungado, condenado pela Igreja Católica e queimado vivo na fogueira, morreu entoando uma música sacra. Seus seguidores, Irmãos Boêmios ou Hussitas, foram igualmente perseguidos.
- **Jerônimo Savonarola:** movimento iniciado por Jerônimo Savonarola, monge da Ordem dos Dominicanos, em Florença (Itália) e prior do Mosteiro de S. Marcos. Savonarola “pregava, tal qual um dos profetas antigos, contra os males sociais, eclesiásticos e políticos de seu tempo (...) a grande catedral enchia-se até transbordar de multidões ansiosas, não só de ouvi-lo, mas também para obedecer aos seus ensinamentos” (HURLBUT, 1979, p. 167). Em 1498, Savonarola foi considerado herege, excomungado, preso, condenado à enforca e teve seu corpo queimado na praça pública de Florença.

Ambos os movimentos supracitados retratam as várias manifestações pentecostais que ocorreram em diferentes lugares, ao longo dos séculos XII ao XIX. Além dos movimentos e personagens citados, a história dos pentecostais ficou marcada também, pelos «movimentos populares», que segundo MACIEL (2016) eram menos memorizados nesse período:

Os movimentos populares não receberam a devida atenção pois as informações são muito escassas, e pouco confiáveis e, ainda, seus seguidores eram formados por pessoas sem instrução e que não possuíam desejos de deixar registros para a posteridade. Esses movimentos populares eram na grande maioria de caráter apocalíptico, por crerem que o fim estava próximo. Como consequência, deixavam de lado a questão de narrativa histórica. Dentre os movimentos populares, destacam-se: Beguinhas e Begardos; os Flagelantes e os Taboritas (MACIEL, 2016, p. 24).

Porém, fica evidente que a Reforma se constituiu a partir de uma *gama* de movimentos de protestos contra os ensinamentos e as práticas da Igreja Medieval. Desenvolveu-se na Europa setentrional e tinha por fundamento a revitalização do Cristianismo (séc. XVII). Entretanto, salientamos, que as divergências sobre o sentido da Reforma dependem do entendimento de seu narrador. Se for um religioso católico romano, irá considerá-la «como uma revolta de

protestantes contra a Igreja universal»; se protestante, acreditará em um movimento que tinha por objetivo «uma vida religiosa de conformidade com os padrões do Novo Testamento» e, se for um historiador secular, irá entender a Reforma «como um movimento revolucionário». Na opinião de Cairns (2008) a Reforma Protestante foi um “movimento de reforma religiosa que resultou na formação de igrejas nacionais entre 1517 e 1545”. É um movimento que imprime à “religião o lugar de primazia, mas não ignora os fatores políticos, econômicos, morais e intelectuais, embora secundários” (CAIRNS, 2008, p. 224-225).

A opinião de Cairns é compartilhada por Azevedo (2007, p. 87) destacando que o principal sentido da Reforma Protestante “é o da liberdade”. Para o autor, a Reforma foi consequência da crise espiritual da Igreja, afirmando que “o povo, de modo geral, não encontrava satisfação e realização em suas práxis religiosas”. Reinava um “vazio espiritual”. Nesse contexto, o desejo dos cristãos era o de “um movimento interior, nascido dentro da própria Igreja em crise, com forte desejo de transformar a Igreja, e não, necessariamente, criar uma nova Igreja” (AZEVEDO, 2007, p. 87-88). Daí a afirmação de que a Reforma foi um movimento “fundamentalmente religioso”, mas com profundas consequências sociais, institucionais, políticas, econômicas e culturais, bem como o redesenho da Europa, no que diz respeito às filiações religiosas.

MOVIMENTOS PENTECOSTAIS POSTERIORES À REFORMA

Após a Reforma novos grupos com características pentecostais, surgiram na Europa, com destaque para os:

- **Quakers ingleses:** que foi um movimento que surgiu na Inglaterra em 1546, denominados «Amigos» ou «Tremedores» (*Quakers*). Tinha como princípios a «consagração completa à vontade de Deus», as manifestações dos dons do Espírito Santo, o zelo missionário e a inspiração no trabalho e luz interior. Por serem rígidos em seus princípios, sofreram várias perseguições, “sendo considerados como um grupo de religiosos fanáticos e intensamente extravagantes para o contexto da época” (OLIVEIRA, 2018, p. 28). As mensagens pregadas por Jorge Fox, Inglaterra (1647), influenciaram os *quakers*, pois em seus discursos Fox se opunha a todas as formas exteriores da igreja, do ritual e de organização eclesiástica. Pregava que o batismo e a comunhão deveriam ser espirituais e não formais. Que o corpo de «crentes» não devia ter sacerdotes, nem ministros assalariados e que qualquer pessoa poderia falar segundo a inspiração do Espírito de Deus. Doutrinava, que tanto homens como mulheres “tinham os mesmos

privilégios concernentes aos dons do Espírito, e no governo da Sociedade” (HURLBUT, 1979, p. 235). O pensamento de Fox influenciou milhares de pessoas que não simpatizavam com o espírito dogmático e intolerante manifestado pela Igreja Anglicana da Inglaterra, na época. Muitos foram os *quakers* que morreram como *mártires* devido a sua fé, nas prisões ou vítimas da violência das perseguições religiosas. Na fuga, alguns buscaram refúgio na Nova Inglaterra, “porém ali encontraram os puritanos não menos perseguidores do que os anglicanos” (HURLBUT, 1979, p. 236).

- **Anabatistas:** é considerado como um movimento religioso atrelado a Reforma Protestante na Suíça. Três tipos da teologia da Reforma se desenvolveram nos territórios suíços: os cantões do Norte, de fala alemã, que seguiram Zwínglio; os do Sul, liderados por Genebra, que seguiram Calvino; e os radicais da Reforma, conhecidos como Anabatistas, formados por uma facção extrema, aquela que antes era liderada por Zwínglio. Esse movimento surgiu em Zurich, sob a liderança de Grebel, Mantz, Baurock e Hubmaier⁵, que reuniram um grupo de amigos com o objetivo de estudar a Bíblia. Da capital Zurich, o movimento anabatista alcançou toda a Suíça, a Alemanha e a Holanda, onde, sob a liderança de Menno Simmons, solidificou-se (CAIRNS, 2008). Devido ao batismo de adultos, foram apelidados de «anabatistas» (rebatizadores), sendo considerados como: radicais, fanáticos, entusiastas e outras designações. Os anabatistas também foram conhecidos como reformadores radicais e se constituíram no terceiro movimento, à Reforma Radical (1525-1580), da Reforma Protestante.

A perseguição aos «rebatizadores» promovida pelas lideranças religiosas da Suíça, resultou na expansão do movimento pela Morávia, Alemanha e Países Baixos. Suas ideias reapareceram, posteriormente, influenciando batistas, *quakers* e congregacionais (CAMPOS JÚNIOR, 1995). Da Europa partiram muitos migrantes para a América do Norte, fugidos das perseguições políticas e religiosas, levando consigo o espírito aventureiro e a experiência religiosa, entre elas a nova crença no Espírito Santo. Foi nas colônias inglesas da América do Norte, entre os anos de 1730 a 1740, que ocorreu o «*Primeiro Grande Despertamento*», influenciado pelo pietismo alemão, pelo puritanismo e pelo metodismo.

Como consequência, e de acordo com Matos (2006) houve uma revitalização das igrejas protestantes e o surgimento de um cristianismo diferenciado, ou seja, mais emocional, mais

⁵ Informações sobre Grebel, Mantz, Baurock e Hubmaier são encontradas em Cairns, p. 2008, p. 248-249.

independente das antigas estruturas e tradições e, mais desejoso de novas formas de experimentar o sagrado. Estas características foram, posteriormente, reeditadas no *Segundo Grande Despertamento* (1790 a 1840) acrescentando-se questionamentos sobre a Teologia Reformada Tradicional, enfoque na soberania de Deus e ênfase na “liberdade, iniciativa, capacidade de decisão e experiência pessoal”, alinhada à nova cultura americana em consolidação (MATOS, 2006, p. 27).

Nesse contexto de revitalização das igrejas protestantes o movimento pentecostal se estabelece na América, dando origem ao Pentecostalismo Moderno, cujo nascedouro se deu na rua Azusa, Los Angeles, em 1906. Os precursores do Pentecostalismo Moderno foram John Wesley, fundador do Metodismo, e os revivalistas Jonathan Edwards, Charles Finney, Dwight Moody e Reuben Torrey. Wesley apregoava o movimento Santidade e o «batismo com o Espírito» ou «segunda benção». Posteriormente, tais ideias foram aprimoradas dando origem à «terceira benção», a do «batismo com fogo» ou «revestimento com poder». Estes eventos foram fundamentais para a eclosão do Pentecostalismo Moderno.

Assim, nos Estados Unidos da América o movimento pentecostal, apesar das várias influências, teve por fundamento o metodismo *wesleyano* e a sua doutrina de “santificação”⁶, dando origem às cruzadas ou avivamentos conhecidos como movimentos de *holiness* ou de santidade. Para Matos (2006, p. 29) as principais características dos referidos eventos eram “a pregação extemporânea com forte conteúdo emocional, ênfase no *armianismo*, e a assistência espiritual aos convertidos ao término das reuniões”.

Por fim, é importante mencionar ainda que o Pentecostalismo Moderno teve as suas origens e desenvolvimento paralelo ao fundamentalismo protestante. “Ambos vingaram em terreno semelhante, um ao lado do outro, sem, contudo, se misturarem” (CAMPOS, 2005, p. 106-107). Para o referido autor, enquanto o aspecto «irracional» da mística religiosa era uma atração ao Pentecostalismo Moderno, no fundamentalismo protestante, o atrativo consistia na sua capacidade de oferecer certezas. Assim, décadas se passaram e em todas as partes do mundo e, entre protestantes ou católicos, o estilo pentecostal na sua prática religiosa continua atraindo milhões de pessoas. Esse quantitativo é uma prova de que:

O dinamismo do Pentecostalismo não se arrefeceu e que as fórmulas de crescimento continuam funcionando, mobilizando multidões, adaptando-se a novos contextos e, mobilizando analistas que buscam explicar a causa de seu sucesso (CAMPOS, 2005, p. 106-107).

⁶ Para John Wesley a vida cristã deveria considerar a “inteira santificação”, a “perfeição cristã”, a “mente de Cristo”, a “plena devoção a Deus” ou o “amor de Deus ao próximo” (MATOS, 2006, p. 28).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscamos sistematizar quais foram as principais fases de consolidação da Igreja Pentecostal e de seus pioneiros. Observar esta questão foi ponto crucial para entender como uma das mais marcantes configurações religiosas se originou e se estabeleceu ao longo dos séculos. Para a maioria dos estudiosos o Pentecostalismo é considerado o fenômeno mais revolucionário da história do Cristianismo. Vinculado a história da Igreja Cristã, em seus distintos períodos de formação, o Pentecostalismo foi marcado por diversos movimentos, muitos destes atrelados a Reforma Protestante.

Em consonância com Ricci (2007) e tendo por base outras leituras, fica evidente que o Pentecostalismo foi um conjunto de movimentos de resgate ao dogma simbólico do *Espírito Santo*, manifestado nas *glossolalias*.

Ao longo de toda a sua história as igrejas pentecostais congregaram milhares de pessoas, em todos os continentes, e em diversas progênes caracterizadas pelos seus precursores, personagens e seguidores. Desta forma, pode-se concluir que a vitalidade das genituras dogmáticas dos segmentos pentecostais, se alojaram na estrutura de vários grupos sociais com diferentes transformações políticas, culturais e de filiações religiosas.

Ademais, o Pentecostalismo promoveu profundas mudanças no panorama cristão, rompendo com os padrões que caracterizavam as igrejas tradicionais. Foi um conjunto de movimentos de transformação, considerado por muitos religiosos e alguns historiadores, de libertação da *crise espiritual*, decorrente da antipatia aos ensinamentos proferidos pela Igreja Católica Romana de época, originando assim, a expressão Igreja Reformada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHARONI, Yohanan; AVI-YONAH, Michael; RAINEY, Anson; SAFRAI, Ze'Ev (org.). **Atlas bíblico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da CPAD, 1999.

ARAÚJO, Isael. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro, Editora da CPAD, 2015.

ARTUSO, Vicente. O evangelho de Lucas: introdução teológica na perspectiva da missão. **Contemplação – Revista Acadêmica de Filosofia e Teologia da Faculdade João Paulo II**, v.1, n. 6, p. 1-22, 2013. Disponível em: <http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/issue/view/6>. Acesso em: 15 jun. 2020>.

AZEVEDO, Marcos Antônio Farias de. **A liberdade cristã em Calvino**: uma resposta ao mundo contemporâneo. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia/PUC-Rio, 2007. 418 p.

CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja cristã. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, n.67, p. 100-115, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13458>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

CAMPOS JÚNIOR, Luis de Castro. **Pentecostalismo**: sentidos da palavra divina. 1. ed. São Paulo: Ática, 1995.

DEJEAN, Frédéric. **Les dimensions spatiales des Eglises évangéliques et pentecôtistes dans une commune de banlieue parisienne (Saint-Denis) et dans deux arrondissements montréalais (Rosemont et Villeray)**. Tese de doutorado apresentada ao Centre Urbanisation, Culture, Société - Institut National de la Recherche Scientifique, Université du Québec, 2011. 385 p. Disponível em: <https://espace.inrs.ca/id/eprint/65/1/Dejean_Frederic%20_PhD_2011.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2020.

EHRMAN, Bart D. **Quem escreveu a Bíblia?** porque os autores da Bíblia não são quem pensamos que são. Rio de Janeiro: Agir, 2013. Disponível em: <https://files.comunidades.net/amborges/Quem_escreveu_a_biblia_.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.

GILBERTO, Antônio. Os avivamentos através da história. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, CPAD, set. 2007. Disponível em: <<https://pentecostalismo.wordpress.com/2007/12/19/os-avivamentos-atraves-da-historia/>> Acesso em: 20 mar. 2019.

HYATT, Eddie I. **2000 Anos de Cristianismo Carismático**: um olhar do século 21 na história da igreja a partir e uma perspectiva carismático-pentecostal. Natal, RN: Carisma, 2018.

HURLBUT, Jesse Lyman. **História da igreja cristã**. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1979.

MACIEL, Moisés Brasil. **Protestantismo brasileiro**: a árvore, a teologia e o mosaico. Dissertação de Mestrado em Teologia apresentado ao Programa de Pós-graduação da Escola de Humanidades/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016. 120 p. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9571/1/000481110-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

MATOS, Alderi Souza de. Zelo sem entendimento: os problemas do entusiasmo religioso na história do cristianismo. **Revista Ultimato**, Viçosa, nov. - dez. 2003.

MATOS, Alderi Souza de. A tua palavra é a verdade: a saga dos Irmãos Morávios. **Revista Ultimato**, Viçosa, mar. - abr. 2004.

MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 23-50, 2006. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/2-O-movimento-pentecostal-reflex%C3%B5es-a-prop%C3%B3sito-do-seu-primeiro-centen%C3%A1rio-Alder-Souza-de-Matos.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2019.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 48-67, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13455>>. Acesso: 14 mar. 2019.

MORENO FILHO, Alcir Pinto. **Os antecedentes históricos do movimento pentecostal do século XX e sua ênfase experimentalista contrária ao princípio reformado “Sola Scriptura”**. Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Teologia apresentado à Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009. 85 p.

OLIVEIRA, José de. **Breve história do movimento pentecostal – dos Atos dos Apóstolos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Editora da CPAD, 2018.

PFEIFER, Charles F.; HOWARD, F. Vos; REA, John. **Dorcas e Tabita**. Dicionário bíblico Wycliffe. Rio de Janeiro: Editora da CPAD, 2007.

RABUSKE, Irineu José. A igreja em suas origens: revisitando os Atos dos Apóstolos. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 5-18, 2012. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/teo/article/view/11290>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

RICCI, Maurício. Glossolalia, iniciação e alteridade no pentecostalismo. *Caderno de Campo – Revista de Antropologia*, São Paulo, n. 16, p. 1-304, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/49988/54120>>. Acesso em 19 abr. 2019.

RODRIGUES, Donizete. **O que é religião?** a visão das ciências sociais. Aparecida: Editora Santuário, 2013.

RODRIGUES, Donizete; GUERREIRO, Tânia. O pentecostalismo na Serra da Estrela – conversão, batismo, e identidade religiosa na Assembleia de Deus da Covilhã (Portugal). *Revista Observatório da Religião*, Belém, v. 2, n. 02, p.108-129, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/Religiao/article/view/831>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

SILVA, Ionaldo Pereira da. **Cro,noj e Kairo,j na du,namij do Espírito Santo, a partir da leitura de Atos 1,6-8**. Dissertação de mestrado em Teologia Bíblica apresentado ao Departamento de Teologia/Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2007. 175 p. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp039394.pdf>>. Acesso: em 20.set. 2019.

Artigo recebido em: 22 de setembro de 2021.

Artigo aceito em: 22 de fevereiro de 2022.

Artigo publicado em: 02 de maio de 2022.